

ERIC HOBSBAWM

Como mudar o mundo

Marx e o marxismo, 1840-2011

Tradução

Donaldson M. Garschagen



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2011 by Eric Hobsbawm

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

How to change the world — Marx and Marxism, 1840-2011

Capa

Hélio de Almeida

Imagen de capa

Great criticism: power, de Wang Guangyi, 1997.

Preparação

Cacilda Guerra

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Carmen S. da Costa

Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hobsbawm, E. J. (Eric J.)

Como mudar o mundo : Marx e o marxismo, 1840-2011 / Eric
Hobsbawm ; tradução Donaldson M. Garschagen — São Paulo :
Companhia das Letras, 2011.

Título original : How to change the world: Marx and Marxism,
1840-2011.

ISBN 978-85-359-1970-7

1. Comunismo 2. Economia marxista 3. Marx, Karl, 1818-1883
4. Marx, Karl, 1818-1883 - Influência 5. Socialismo I. Título.

11-09734

CDD-335.4

Índice para catálogo sistemático:

1. Socialismo marxista : Economia 335.4

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Prefácio	9
----------------	---

PARTE I — MARX E ENGELS

1. Marx hoje	13
2. Marx, Engels e o socialismo pré-marxiano	25
3. Marx, Engels e a política	53
4. <i>A situação da classe trabalhadora na Inglaterra</i>	88
5. <i>O Manifesto comunista</i>	98
6. A descoberta dos <i>Grundrisse</i>	116
7. Marx e as formações pré-capitalistas	122
8. A divulgação das obras de Marx e Engels	164

PARTE II — MARXISMO

9. Dr. Marx e os críticos vitorianos	185
10. A influência do marxismo, 1880-1914	196
11. A era do antifascismo, 1929-45	239
12. Gramsci	285
13. A recepção das ideias de Gramsci	302

14. A influência do marxismo, 1945-83	311
15. O marxismo em recessão, 1983-2000	346
16. Marx e o trabalhismo: o longo século	358
<i>Notas</i>	377
<i>Datas e fontes de publicação original</i>	407
<i>Índice remissivo</i>	409

PARTE I

MARX E ENGELS

1. Marx hoje

I

Em 2007, a Jewish Book Week realizou-se menos de uma quinzena antes da comemoração do aniversário da morte de Karl Marx (14 de março) e a pouca distância da Sala Redonda de Leitura do Museu Britânico, o lugar em Londres a que ele é sempre associado. Dois socialistas muito diferentes, Jacques Attali e eu, participamos do evento para lhe prestar nossas honras póstumas. No entanto, considerando-se a ocasião e a data, a homenagem encerrava duas surpresas. Não se pode dizer que ao morrer, em 1883, Marx tivesse propriamente fracassado, pois seus textos tinham começado a causar impacto na Alemanha (onde um movimento encabeçado por discípulos seus já estava a caminho de controlar o movimento operário alemão) e, principalmente, sobre intelectuais na Rússia. Entretanto, em 1883 havia pouca coisa que justificasse o trabalho de toda a sua vida. Marx havia escrito alguns panfletos brilhantes e a base de sua obra magna, inacabada, *O capital*, trabalho que pouco avançou na última década de vida do autor. “Que obras?”, retrucou ele, acabrunhado, quando um visitante lhe perguntou sobre suas obras. A chamada Primeira Internacional de 1864-73, sua principal iniciativa política desde o fracasso da revolução de 1848, tinha ido a pique. Tampouco ele granjeara para si um lugar importan-

te na política ou na vida intelectual da Grã-Bretanha, onde vivera como exilado durante mais de metade da vida.

Entretanto, que extraordinário êxito póstumo! Menos de 25 anos após sua morte, partidos políticos operários fundados em seu nome, ou que afirmavam inspirar-se nele, recebiam de 15% a 47% dos votos em países com eleições democráticas — sendo a Grã-Bretanha a única exceção. Depois de 1918, a maioria desses partidos passou a fazer parte dos governos, deixando de ser apenas oposição, e assim eles permaneceram até depois do fim do fascismo, quando então se dispuseram a repudiar sua inspiração original. Todos existem ainda. Nesse meio-tempo, discípulos de Marx criaram grupos revolucionários em países não democráticos e no Terceiro Mundo. Setenta anos após a morte de Marx, um terço da humanidade vivia sob regimes regidos por partidos comunistas que alegavam representar suas ideias e materializar suas aspirações. Bem mais de 20% da humanidade ainda vivem em países comunistas, embora seus partidos governistas, com pequenas exceções, tenham mudado radicalmente sua política. Em suma, se houve um pensador que deixou uma marca forte e indelével no século XX, foi ele. No Cemitério Highgate estão sepultados dois pensadores do século XIX — Karl Marx e Herbert Spencer — e, curiosamente, da tumba de um se avista a do outro. Quando ambos eram vivos, Herbert era considerado o Aristóteles da época, enquanto Karl era um sujeito que morava nas ladeiras mais baixas de Hampstead à custa do dinheiro do amigo. Hoje ninguém sequer sabe que Spencer está sepultado ali, enquanto peregrinos idosos, vindos do Japão e da Índia, visitam o túmulo de Karl Marx, e comunistas exilados iranianos e iraquianos fazem questão de ser enterrados à sua sombra.

A era de regimes comunistas e de partidos comunistas de massa chegou ao fim com a derrocada da União Soviética, pois mesmo onde ainda sobrevivem, como na China e na Índia, na prática abandonaram o velho projeto do marxismo-leninismo. E, quando assim procederam, Karl Marx viu-se mais uma vez numa terra de ninguém. O comunismo alegara ser seu único herdeiro verdadeiro, e suas ideias tinham sido em grande medida identificadas com o movimento. Isso porque mesmo as tendências marxistas ou marxistas-leninistas dissidentes que fincaram cabeças de ponte aqui e ali, depois que Stálin foi denunciado por Kruchev, em 1956, eram, quase certamente, cisões de partidos comunistas. Assim, durante a maior parte dos primeiros vinte anos depois do centenário de sua morte, Marx se tornou, a rigor, um homem do passado, que

já não merecia que nos incomodássemos com ele. Houve mesmo um jornalista que deu a entender que o fato de falarmos sobre ele aqui, esta noite, é uma tentativa de resgatá-lo da “lata de lixo da história”. No entanto, Marx é hoje, mais uma vez, e com toda justiça, um pensador para o século XXI.

Não creio que se deva dar demasiada importância à pesquisa de opinião da BBC segundo a qual os ouvintes britânicos o apontavam como o maior de todos os filósofos, mas, se digitarmos seu nome no Google, ele continua a ser a maior de todas as grandes presenças intelectuais, só superada por Darwin e Einstein, mas bem à frente de Adam Smith e Freud.

Em meu entender, há duas razões para isso. A primeira é que o fim do marxismo oficial na União Soviética liberou Marx da identificação pública com o leninismo na teoria e com os regimes leninistas na prática. Ficou claríssimo que havia ainda muitas e boas razões para se levar em conta o que Marx tinha a dizer sobre o mundo. E principalmente — essa é a segunda razão — porque o mundo capitalista globalizado que surgiu na década de 1990 exibia, em vários aspectos vitais, uma estranha semelhança com o mundo previsto por Marx no *Manifesto comunista*. Isso ficou claro na reação do público ao sesquicentenário desse surpreendente panfleto em 1998 — que foi, diga-se de passagem, um ano de enorme perturbação na economia global. Dessa vez, paradoxalmente, quem redescobriu Marx foram os capitalistas, e não os socialistas, que estavam desalentados demais para comemorar a data com muito entusiasmo. Lembro-me de como fiquei atônito ao ser procurado pelo editor da revista de bordo da United Airlines, de cujos leitores 80% devem ser executivos americanos. Eu havia escrito um artigo sobre o *Manifesto*. Como ele achava que os leitores da revista estariam interessados num debate sobre o *Manifesto*, perguntou se eu o autorizava a usar trechos de meu artigo. Fiquei ainda mais espantado quando, num almoço mais ou menos na virada do século, George Soros me perguntou o que eu achava de Marx. Por saber o quanto nossas ideias eram divergentes, preferi evitar uma discussão e dei uma resposta ambígua. “Esse homem”, disse Soros, “descobriu uma coisa com relação ao capitalismo, há 150 anos, em que devemos prestar atenção.” E tinha descoberto mesmo. Pouco depois disso, autores que, ao que eu saiba, nunca tinham sido comunistas voltaram a olhar para ele com seriedade, como faz Jacques Attali em seu novo estudo sobre Marx. Attali também crê que Marx ainda tem muito a dizer àqueles que desejam que o mundo seja uma sociedade diferente e melhor do que a que temos atualmente.

É bom lembrar que mesmo desse ponto de vista precisamos levar Karl Marx em conta hoje em dia.

Em outubro de 2008, quando o jornal londrino *Financial Times* estampou a manchete “Capitalismo em convulsão”, não podia mais haver dúvida de que Marx estava de volta aos refletores. Enquanto o capitalismo mundial estiver passando por sua mais grave crise desde o começo da década de 1930, será improvável que Marx saia de cena. Por outro lado, o Marx do século XXI será, com certeza, bem diferente do Marx do século XX.

Três fatos dominavam o pensamento das pessoas sobre Marx no século passado. O primeiro era a divisão entre os países nos quais a revolução era uma probabilidade e aqueles em que isso não acontecia, ou seja, para falar em termos muito gerais, os países de capitalismo desenvolvido do norte do Atlântico e do Pacífico, de um lado, e os restantes, do outro. O segundo fato decorre do primeiro: a herança de Marx bifurcou-se, naturalmente, numa herança social-democrata e reformista e numa herança revolucionária, esta dominada esmagadoramente pela Revolução Russa. Isso ficou claro depois de 1917 devido a um terceiro fato: o colapso do capitalismo e da sociedade burguesa oitocentistas naquela que chamei de a “Era da Catástrofe”, entre, digamos, 1914 e o fim da década de 1940. Essa crise foi tão grave que fez com que muitos duvidassem que o capitalismo pudesse se recuperar. Estaria ele destinado a ser substituído por uma economia socialista, como previra o marxista Joseph Schumpeter na década de 1940? Na realidade, o capitalismo se recuperou, mas não em sua forma anterior. Ao mesmo tempo, na União Soviética, uma alternativa socialista parecia ser imune a esfacelamento. Entre 1929 e 1960, não parecia impossível, mesmo para muitos não socialistas que reprovavam o lado político desses regimes, que o capitalismo estivesse perdendo forças e que a União Soviética estivesse provando que poderia produzir mais do que ele. Em 1957, o ano do Sputnik, isso não parecia absurdo. Mas era, o que ficou mais do que evidente depois de 1960.

Esses fatos e suas implicações para a política e a teoria pertencem ao período posterior à morte de Marx e Engels. Situam-se fora do campo da experiência e das avaliações do próprio Marx. Nossa juízo quanto ao marxismo do século XX não se baseia no pensamento do próprio Marx, e sim em interpretações ou revisões póstumas do que ele escreveu. No máximo podemos dizer que no fim da década de 1890, durante a primeira crise intelectual do marxismo, a primei-

ra geração de marxistas, aqueles que tinham mantido contato pessoal com Marx ou, mais provavelmente, com Friedrich Engels, já começavam a discutir algumas questões que se tornariam relevantes no século XX, como o revisionismo, o imperialismo e o nacionalismo. Grande parte do debate marxista posterior é específico ao século XX, e não é encontrado em Karl Marx, sobretudo o debate sobre como poderia ou deveria ser uma economia socialista, uma discussão que surgiu, em grande parte, da experiência das economias de guerra de 1914-8 e das crises quase revolucionárias ou revolucionárias do pós-guerra.

Assim, dificilmente Marx poderia ter afirmado que o socialismo era superior ao capitalismo como meio de garantir o máximo de rapidez no desenvolvimento das forças de produção. Essa assertiva pertence à era em que a crise capitalista do entreguerras confrontou-se com a União Soviética dos planos quinquenais. Na realidade, o que Karl Marx asseverava não era que o capitalismo havia alcançado o limite de sua capacidade de pôr em marcha as forças de produção, e sim que a irregularidade do crescimento capitalista produzia crises periódicas de superprodução que, mais cedo ou mais tarde, se mostrariam incompatíveis com a maneira capitalista de gerir a economia e geraria conflitos sociais aos quais ele não poderia sobreviver. Por sua própria natureza, o capitalismo era incapaz de estruturar a subsequente economia da produção social. Esta, julgava Marx, teria de ser necessariamente socialista.

Por conseguinte, não surpreende que no século XX o “socialismo” estivesse no cerne dos debates e das avaliações sobre Karl Marx. Isso não aconteceu porque o projeto de uma economia socialista seja especificamente marxista — não é —, mas porque todos os partidos de inspiração marxista tinham em comum esse projeto, e na verdade os partidos comunistas afirmavam tê-lo instituído. Na forma em que existiu no século XX, esse projeto está morto. O “socialismo”, como o conceito era entendido na União Soviética e nas demais “economias de planejamento central”, vale dizer, nas economias centralizadas, teoricamente sem mercado e de propriedade e controle estatais, morreu e não ressuscitará. As aspirações social-democratas de construir economias socialistas tinham sido sempre ideais para o futuro, porém mesmo como aspirações formais foram abandonadas no fim do século.

Em que medida eram marxianos o modelo de socialismo que existia na mente dos social-democratas e o socialismo criado pelos regimes comunistas? Com relação a esse ponto, é crucial lembrar que o próprio Marx se absteve, de-

liberadamente, de quaisquer declarações específicas sobre a economia ou as instituições econômicas do socialismo e nada disse a respeito da forma concreta de uma sociedade comunista, exceto que ela não poderia ser construída ou programada, mas que teria de se desenvolver a partir de uma sociedade socialista. As observações genéricas que fez sobre o assunto, como na *Critica do programa de Gotha*, dos social-democratas alemães, pouca orientação específica dão a seus sucessores, e na realidade esses sucessores não pensaram seriamente naquilo que, segundo eles, seria um problema acadêmico ou um exercício utópico para depois da revolução. Bastava saber que se basearia — para citar o famoso “artigo 4” da constituição do Partido Trabalhista britânico — “na propriedade comum dos meios de produção”, o que, de modo geral, julgava-se que seria factível com a nacionalização das indústrias do país.

Curiosamente, a primeira teoria sobre uma economia socialista centralizada não partiu de socialistas, mas de um economista italiano não socialista, Enrico Barone, em 1908. Até que surgisse a questão da nacionalização das indústrias privadas na agenda da política prática, ao fim da Primeira Guerra Mundial, ninguém mais havia pensado no assunto. Na época, os socialistas enfrentavam os problemas de todo despreparados e sem orientação do passado ou de outras pessoas.

Em qualquer forma de economia socialista está implícito o “planejamento”, porém Marx nada disse de concreto sobre isso, e, quando o planejamento foi posto em prática na Rússia soviética, depois da revolução, teve de ser em grande medida improvisado. Na teoria, isso foi feito mediante a formulação de conceitos (como a análise de insumo-produto de Leontiev) e o fornecimento das estatísticas relevantes. Mais tarde, esses instrumentos foram adotados amplamente em economias não socialistas. Na prática, isso se fez imitando as economias de guerra, igualmente improvisadas, principalmente a alemã, talvez com especial atenção à indústria elétrica, em relação à qual Lênin era informado por simpatizantes políticos que trabalhavam como executivos em empresas alemãs e americanas de eletricidade. Uma economia de guerra continuou a ser o modelo básico da economia planificada soviética, ou seja, uma economia que define certas metas *a priori* — industrialização ultrarrápida, vitória na guerra, fabricação de uma bomba atômica ou viagem à Lua — e depois planeja o modo de concretizá-las por meio da alocação de recursos, qualquer que seja o custo a curto prazo. Não há nisso nada de exclusivamente socialista. Trabalhar para

atingir metas definidas *a priori* pode ser feito com maior ou menor sofisticação, mas a economia soviética nunca, na verdade, foi além disso. E, embora tentasse a partir de 1960, nunca conseguiu sair do beco sem saída que estava implícito na tentativa de ajustar mercados a uma estrutura de comando burocrática.

A social-democracia modificou o marxismo de outra maneira, postergando a construção de uma economia socialista ou, de modo mais positivo, elaborando formas diferentes de uma economia mista. Já que os partidos social-democratas mantiveram-se comprometidos com a criação de uma economia plenamente socialista, impunha-se alguma reflexão sobre o assunto. A contribuição mais interessante proveio de pensadores não marxistas, como os fabianistas Sidney e Beatrice Webb, que imaginaram uma transformação gradual do capitalismo em socialismo mediante uma série de reformas irreversíveis e cumulativas, e que, portanto, dedicaram alguma reflexão política à forma institucional do socialismo, embora sem nenhuma atenção a suas operações econômicas. O principal “revisionista” marxista, Eduard Bernstein, abordou a questão com evasivas, insistindo que o movimento reformista era o mais importante e que o objetivo final não tinha realidade prática. Na verdade, a maioria dos partidos social-democratas que ascenderam ao governo depois da Primeira Guerra Mundial optou pela política de revisionismo, permitindo o funcionamento da economia capitalista, desde que atendesse a algumas das exigências da classe operária. O *locus classicus* dessa atitude foi o livro de Anthony Crosland *The future of socialism* (1956), segundo o qual, como o capitalismo pós-1945 tinha dado solução ao problema de produzir uma sociedade de abundância, a empresa pública (na forma clássica de nacionalização ou outra) não era necessária e a única tarefa dos socialistas se reduzia a garantir uma distribuição equitativa da riqueza nacional. Tudo isso estava bem distante de Marx, e, com efeito, da forma como os socialistas viam o socialismo — em essência como uma sociedade sem mercado, uma tese que provavelmente era também a de Karl Marx.

Quero acrescentar apenas que o debate mais recente sobre o papel do Estado e das empresas estatais, travado entre os neoliberais em matéria de economia, de um lado, e seus críticos, de outro, não é, em princípio, um debate especificamente marxista ou mesmo socialista. Ele repousa na tentativa, surgida na década de 1970, de traduzir uma degeneração patológica do princípio do laissez-faire em realidade econômica pela recusa sistemática dos Estados a qualquer controle ou regulamentação das atividades das empresas com fins lucrativos.

vos. Essa tentativa de entregar a sociedade humana ao mercado (supostamente) autocontrolador e maximizador da riqueza e até do bem-estar, integrado (supostamente) por atores dedicados à busca racional de seus interesses, não tinha precedentes em nenhuma fase anterior do desenvolvimento capitalista em nenhuma economia desenvolvida, nem mesmo nos Estados Unidos. Foi uma *reductio ad absurdum* da interpretação que seus ideólogos deram aos textos de Adam Smith, do mesmo modo que a economia totalmente planificada da União Soviética, igualmente extremista, nasceu da leitura que os bolcheviques fizeram das palavras de Marx. Não admira que esse “fundamentalismo de mercado”, mais próximo da teologia que da realidade econômica, também fracassasse.

O fim das economias estatais de planejamento central, assim como o virtual abandono da meta de uma sociedade fundamentalmente transformada, que antes fazia parte das aspirações dos desmoralizados partidos social-democratas, eliminou grande parte dos debates sobre o socialismo que se ouviam no século xx. Esses debates estavam a certa distância do pensamento do próprio Karl Marx, ainda que em grande parte fossem inspirados por ele e conduzidos em seu nome. Por outro lado, Marx, por meio de seus textos, continuou a ser uma força colossal em três sentidos: como pensador econômico, como pensador e analista da história e como o reconhecido pai (junto com Durkheim e Max Weber) da reflexão moderna sobre a sociedade. Não estou habilitado a expressar uma opinião quanto à sua persistente e evidentemente séria posição como filósofo. Mas duas coisas, com certeza, nunca perderam relevância para os nossos dias: a visão que Marx tinha do capitalismo como sistema econômico historicamente temporário e a análise que fez de seu *modus operandi* — continuamente expansionista e concentrador, gerador de crises e autotransformador.

II

Qual é a relevância de Marx no século xxi? O modelo de socialismo ao estilo soviético — até agora a única tentativa de construir uma economia socialista — não existe mais. Por outro lado, verificou-se um avanço imenso e acelerado da globalização e da pura e simples capacidade de geração de riqueza por parte dos seres humanos. Isso diminuiu o poder e o âmbito da ação econômica e social por parte dos Estados-nações e, portanto, das políticas clássicas dos

movimentos social-democratas, que se baseavam primordialmente em pressionar os governos nacionais em favor de reformas. Em vista do predomínio do fundamentalismo de mercado, a combinação de globalização e riqueza gerou também uma extrema desigualdade econômica dentro dos países e entre regiões, e devolveu o elemento de catástrofe ao ritmo cíclico básico da economia capitalista, incluindo a desordem que se tornou a mais grave crise mundial desde a década de 1930.

Nossa capacidade produtiva possibilitou, pelo menos potencialmente, que grande parte dos seres humanos passasse do reino da necessidade para o da afluência, da educação e de opções de vida antes inimagináveis, embora a maior parte da população do mundo ainda esteja por entrar nesse domínio. No entanto, durante a maior parte do século XX, os movimentos e regimes socialistas ainda atuavam essencialmente dentro do reino da necessidade, mesmo nos países ricos do Ocidente, onde surgiu uma sociedade de afluência popular nos vinte anos que se seguiram a 1945. Contudo, no reino da afluência, os objetivos de alimentação, vestuário, habitação, empregos para garantir renda e um sistema de bem-estar social para proteger as pessoas das vicissitudes da vida, ainda que necessários, já não constituem um programa suficiente para os socialistas.

Um terceiro desdobramento é negativo. Como a expansão espetacular da economia global ameaçou o meio ambiente, tornou-se urgente a necessidade de controlar o crescimento econômico desenfreado. Há um óbvio conflito entre a necessidade de reverter ou de pelo menos controlar o impacto de nossa economia sobre a biosfera e os imperativos de um mercado capitalista: crescimento máximo e contínuo na busca do lucro. Esse é o calcanhar de Aquiles do capitalismo. Não podemos, no presente, prever de onde partirá a flecha que lhe será fatal.

Assim, como devemos ver Karl Marx hoje? Como um pensador para toda a humanidade e não somente para uma parte dela? Claro que sim. Como filósofo? Como analista econômico? Como um dos pais da moderna ciência social e guia para o entendimento da história humana? Sim, porém o ponto que Attali sublinhou corretamente é a abrangência universal de seu pensamento. Não se trata de um pensamento “interdisciplinar” no sentido convencional, mas integra todas as disciplinas. Como escreveu Attali, “antes dele, os filósofos consideraram o homem em sua totalidade, mas ele foi o primeiro a apreender o mundo como um todo que é, ao mesmo tempo, político, econômico, científico e filosófico”.